



REFLEXÕES SOBRE A TAREFA EDUCACIONAL E SEUS EFEITOS NA FORMAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DO SER

Davi da Silva Nascimento¹
Ana Lúcia Leal²

RESUMO

Este estudo visa descrever a perspectiva da multidimensionalidade humana inserida no contexto escolar. Röhr (2013) aborda que somos seres complexos, dotados de múltiplas dimensões com necessidades singulares. Desse modo, a tarefa educacional deve buscar atender as necessidades de todas as facetas do indivíduo, tendo a dimensão espiritual como a norteadora da prática. Isto só é possível quando o educador investe primeiro na melhoria de sua própria condição humana, podendo então, conseqüentemente, reconhecer e contribuir para a formação integral de seus educandos, direcionada à relação com sua transcendência. Infelizmente, o sistema educacional ainda se perde em visões reducionistas, voltadas apenas ao desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Esse trabalho resultou do Projeto de Pesquisa intitulado “Formação Humana e Educação Emocional”, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Campus Acadêmico do Agreste (CAA), no qual houve 50 horas de estudos e discussões teóricas, e uma pesquisa de campo realizada em uma escola estadual de ensino médio integral, de Pernambuco, constando 20 horas de observações de aulas ministradas por um docente e uma entrevista semiestruturada com este, cujos resultados permitiram uma articulação com os recortes analisados em sala de aula e com o referencial teórico estudado. Concluímos que o professor, por vezes, pareceu dar uma maior importância ao aspecto cognitivo, mas reconheceu a importância da formação humana no âmbito educacional e, mais diretamente às *Dimensões Física, Emocional e Espiritual*. Pela relevância da temática, entendemos que discussões que contemplem uma abordagem educativa voltada à integralidade do ser deveriam sempre estar presentes no universo do ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Formação Humana, Integralidade, Multidimensionalidade, Educação.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo se discutem soluções voltadas aos problemas desencadeados no meio educacional e seus desafios, uma vez que somente a partir da busca pela excelência será possível o cumprimento de bons resultados. Isto não é uma tarefa fácil, visto que a concepção de bons resultados é singular a cada indivíduo. Por esse motivo, ressaltamos a importância de o educador usufruir de uma visão voltada para a formação

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, davi.silvanascimento@ufpe.br;

² Professora orientadora: Doutora em Educação/Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECEM /Centro Acadêmico do Agreste – CAA/UFPE, ana.glchaves@ufpe.br.



humana, a qual não se limita apenas ao desenvolvimento cognitivo, mas sim à totalidade de cada ser.

Além disso, quando se fala sobre o fornecimento de ferramentas, é notório a influência do poder público na garantia da qualidade da educação básica. No entanto, o professor, por si só, já é uma grande ferramenta para o êxito da tarefa educacional, a partir do momento que enxerga a inteireza de seus alunos e os acolhe em sua integralidade.

No entanto, não raro, o aparelho social acaba se perdendo em uma visão equivocada, quando reduz o ensino a uma corrente predominantemente positivista, vista na educação brasileira a partir da década de 70, com a criação das escolas tecnicistas. Nestas, emerge uma concepção que considera o centro de toda a educação no ensino das ciências, a fim de revelar toda a potencialidade do educando (ISKANDAR; LEAL, 2002).

O pensamento em questão acaba dando ênfase apenas à profissionalização dos alunos, fragmentando o ensino a apenas uma dimensão do indivíduo, a mental, cabendo a este absorver de forma passiva o que é transmitido pelo professor e alinhar-se com o sistema produtivo e às exigências da produção de um Estado capitalista. Nesse sentido, temos uma cultura educacional voltada à racionalização e desenvolvimento das habilidades mentais.

Tais influências atingem, negativamente, diversos educandos que acabam se voltando apenas para o desenvolvimento racional e esquecendo o quão múltiplos somos. Levando isso em consideração, é de suma importância a reflexão apresentada por Röhr (2013), no que diz respeito a existência de uma visão reducionista, muitas vezes presente no contexto escolar, visto que este é um ambiente que sofre várias implicações em virtude das inúmeras complexidades nele presentes.

Röhr (2013) considera o quão difícil tem se tornado discutir acerca da meta da Educação, considerando apenas as propostas, metas e diretrizes atuais configuradas pelas forças sociais. Todavia, seria contestável que o educador apenas seguisse as metas estabelecidas, tal como um executor de atividades, isentando-o da responsabilidade sob a tarefa educacional.

Dentre as múltiplas finalidades da educação, encontra-se uma meta em comum que expressa o sentido que atribuímos à nossa vida. O autor questiona se seria este sentido já determinado, anterior mesmo à existência de cada um ou se cabe ao indivíduo



decidir, independente de forças exteriores. Pela complexidade da questão, permanece uma disputa sem fim nas discussões pedagógicas entre o que estaria correto. Ou seja, se compete ao professor guiar o aluno na busca de um sentido pré-existente ou protegê-lo de forças externas, preservando a autonomia deste.

São nessas discussões, sobre como encaminhar o indivíduo a sua plena realização que, às vezes, surgem as tendências reducionistas. Contudo, para Röhr (2013), somos multidimensionais, o que implica dizer que não é correto reduzir a atenção a apenas uma parte do ser, mas sim o observar como um todo, uma vez que as dimensões que o compõe estão em constante interferência entre si.

A abordagem da multidimensionalidade indica que o ser é composto por dimensões básicas, as que naturalmente pertencem a ele. Röhr (2013) apresenta as cinco dimensões básicas do ser humano de acordo com a densidade de cada realidade, indo da mais densa até a mais sutil:

1) *Dimensão Física*: “[...] inclui a corporalidade físico-biológica, da qual, em parte, nem temos percepção” (p. 25). Seria esta a de matéria mais densa;

2) *Dimensão Sensorial*: “[...] representada pelas nossas sensações físicas, calor-frio, dor-prazer físico, doce-amargo, enfim, a percepção que temos através dos nossos cinco sentidos” (p. 25);

3) *Dimensão Emocional*: “[...] abrange a vida da nossa psique, os estados emocionais” (p. 25), como, por exemplo: alegria, tristeza, medo, empatia, entre outros;

4) *Dimensão Mental*: Diz respeito ao racional e cognitivo dos indivíduos, “[...] pensamentos universais, formais (lógica matemática). Abrange também a capacidade de reflexão – de questionar todas as coisas, inclusive a si mesmo (p. 26);

5) *Dimensão Espiritual*: Considerada a mais difícil de identificar, visto que é a mais sutil. “[...] A dimensão espiritual transcende a realidade empírica verificável e nem por isso deixa de ser realidade para quem se volta para ela e se compromete com ela; [...] Incluem-se, dessa forma, todos os valores éticos e metafísicos” (p. 26). Nela encontramos as orientações mais profundas das nossas vidas.

Vale destacar que há uma interferência contínua entre as dimensões básicas, tornando seus limites de difícil identificação, como, por exemplo, quando uma emoção é tão forte ao ponto de se aproximar de uma sensação física. Outros exemplos seriam: quando uma má alimentação influencia o intelecto; quando uma dor pode mudar nosso



humor; quando uma emoção afeta o funcionamento de nosso corpo; quando uma reflexão mental leva a uma introspecção espiritual.

Além das dimensões básicas, há as dimensões chamadas temático-transversais, e que são impossíveis de caracterizar e sistematizar, uma vez que perpassam as dimensões básicas. Entre elas estão: dimensão sexual, dimensão ética, dimensão ecológica, etc. Elas não serão aprofundadas, por não estarem no foco deste trabalho, sendo a apresentação das dimensões básicas suficiente para a proposta a ser desenvolvida.

Vale frisar que não se pode interferir em uma única dimensão sem levar as demais em consideração, pois cada uma tem necessidades próprias e possuem um papel indispensável na realização do indivíduo, que não é universal, mas se revela de forma individual.

No que diz respeito à ação pedagógica, Röhr (2013) revela que se faz necessário levar em consideração uma postura de humanização, a qual faz valer o lado mais sutil do ser humano, logo, o espiritual, sendo a dimensão a norteadora do processo. Infelizmente esta dimensão vem sendo mais negligenciada na maior parte das propostas educacionais, como discutido inicialmente. É válido ressaltar, contudo, que seria um equívoco dar mais ênfase a essa dimensão em detrimento das outras, visto que a tarefa educacional se realiza, exatamente, ao reconhecer a importância da integralidade humana. Ou seja, a tarefa educacional se realiza ao reconhecer o desenvolvimento de todas as facetas e necessidades específicas de cada ser humano, atribuindo a isto um sentido para sua vida.

Aprofundando um pouco mais essa questão, é de suma importância salientar que a busca pelo sentido da vida no caminho da espiritualidade não é fácil, trata-se de um compromisso individual e incondicional consigo (RÖHR, 2013). É diante da transcendência (quando vamos além do que é verificável pela razão, transcendendo a imanência da realidade, de natureza religiosa ou não. Ou seja, quando reconhecemos a existência do indizível e abrimo-nos para este) que alimentamos a nossa existência de sentido e significado.

Desse ponto surgem discussões sobre a necessidade, indispensável, de investirmos nessa busca, onde o educador exercerá um papel fundamental, posto que a postura que exerce impacta bastante no educando. Logo, é essencial que tenha a integralidade humana como orientação primeira acerca de sua prática pedagógica. Para Bollnow (1971), não se deveria assumir uma postura presente no modelo do Artesão,



que modelaria o aluno, encaminhando-o a um resultado final, apontando um único caminho correto, visto que a meta educacional não corresponde a um processo produtivo. Tampouco deveria ser adotado o modelo do Jardineiro, quando se acredita o crescimento do aluno à proteção de um professor (portanto, super poderoso) em relação a qualquer influência externa nociva. Nos dois modelos o professor age como detentor absoluto do saber, limitando a produção e crescimento deste aluno à qualidade da intervenção docente.

Nesse sentido, é fundamental que haja confiança no educando, mas não uma proteção incondicional, sendo indispensáveis experiências que promovam nele o processo de amadurecimento e de crescente autonomia (BOLLNOW, 1971). Dessa forma, cabe ao aluno corresponder quem de fato é no seu íntimo e, de forma autônoma, encontrar-se mais diante da transcendência.

Para tanto, a tarefa educacional, que une educando e educador, atribui ao último a responsabilidade de conduzir o processo a partir da ideia de que “educar é conduzir para a humanização do homem” (RÖHR, 2013 p. 155). Desta maneira, é possível que o aluno desenvolva o seu lado mais humano, na medida em que a meta da educação esteja voltada para este e não diga respeito apenas ao desenvolvimento mental, abrangendo também “as ações, o lado afetivo, as posturas, as convicções e tudo que as sustentam” (Idem, p. 167).

Conseqüentemente, percebe-se o quanto a espiritualidade impacta o ser humano em sua busca de sua realização e sentido da vida. Além disso, vale acrescentar que as demais dimensões básicas não podem ser desconsideradas, pois todas são igualmente importantes, visto que a proposta da integralidade diz respeito a buscar atender as necessidades de todas as dimensões do ser humano, sendo essencial que haja uma sincronia entre elas.

Diante do que foi abordado, a respeito da relevância da integralidade na educação, entendemos que é necessário tecer um diálogo com o ensino em uma escola integral do agreste pernambucano. As escolas que seguem este modelo têm o seu planejamento estratégico sustentado pelos quatro pilares da Educação, discutidos no relatório de Delors (1998) e apresentados brevemente a seguir:

Aprender a ser: Voltado para a competência pessoal e como cada indivíduo se relaciona com si próprio e com a dimensão transcendental, reconhecendo limites, qualidades e se alimentando de um projeto de vida;



Aprender a conviver: Corresponde à competência social e a maneira que cada um se envolve com os demais indivíduos, de modo que seja capaz de respeitar as diferenças, promover a compreensão e enxergar que depende do outro para desenvolver-se em sociedade;

Aprender a conhecer: Diz respeito ao desenvolvimento cognitivo e como cada indivíduo usa mecanismos para aprender;

Aprender a fazer: Relacionado à produção e desenvolvimento futuro das competências que cada um precisará para seguir a carreira.

Posto isto, percebe-se a importância em alinhar a proposta desse modelo que as escolas integrais são sustentadas, às ideias da tarefa educacional discutidas anteriormente. Tais observações nortearam o desenvolvimento deste trabalho, o qual visa apresentar a relação das abordagens apresentadas com os dados coletados.

METODOLOGIA

O presente trabalho é oriundo do Projeto de Pesquisa intitulado “Formação Humana e Educação Emocional” - da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Campus Acadêmico do Agreste (CAA). Neste referido Projeto foram realizadas, no ano de 2019, discussões sobre a temática da “Formação Humana”, compondo-se uma carga horária total de 50 horas de discussão teórica e mais 20 horas de estudo de campo.

Durante este módulo foi proposto que os alunos participantes realizassem observações em campo com o objetivo de desenvolver produções acadêmicas de cunho científico. A coleta de dados ocorreu através de observações de aulas de um professor de Matemática, de uma turma de 2º ano do ensino médio, cuja identidade e o sigilo serão preservados e assegurados por nós. Ressaltamos que as observações, que ocorreram sem qualquer interferência por parte dos pesquisadores, foram realizadas em uma Escola de Referência em Ensino Médio, do interior do estado de Pernambuco, cujo funcionamento se dá em horário integral.

As discussões apresentadas na pesquisa se fundamentaram não apenas nas observações das aulas, mas também através da análise das respostas obtidas em uma entrevista semiestruturada com o professor.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dissemos, este trabalho consiste em discutir alguns aspectos vinculados à abordagem da Formação Humana e a postura de um professor quanto à existência, ou não, de uma abordagem educativa voltada à integralidade dos educandos.

O professor participante tinha, na ocasião, 33 anos de idade e atuava na docência há dez anos, sendo há três anos na escola onde as análises ocorreram. Ele também trabalhava em outras instituições da rede estadual e privada, além de dar consultorias particulares, sendo estes trabalhos ocorrendo entre os estados de Pernambuco e Paraíba, somando uma carga horária semanal total de 79 horas. Quando à escola na qual os dados foram obtidos, ela funcionava em tempo integral e comportava aproximadamente 460 alunos.

A entrevista que realizamos ocorreu após o término das observações e durou cerca de 30 minutos, a qual foi gravada e transcrita posteriormente, tendo sido possível adquirir informações complementares sobre a postura adotada pelo professor durante as aulas e também compreender suas impressões sobre a temática pesquisada.

Vale destacar que o modelo de multidimensionalidade de Röhr, já discutido anteriormente, norteará nossas análises do estudo. Além disso, é importante sinalizar que as situações citadas para complementar as análises dos recortes são apenas algumas das várias outras situações observadas e, portanto, conseqüentemente, todas contribuíram para nossas conclusões e avaliações.

Iniciamos questionando sobre o que o professor entendia sobre educação integral e qual a importância dessa concepção ser adotada nas escolas de ensino integral de Pernambuco (Recorte 1):

Recorte 1: [...]infelizmente em poucas instituições a gente percebe essa diferença. [...] Que se a gente for colocar isso “ao pé da letra”, nessa instituição, a gente não percebe isso. [...] Posso ter como exemplo algumas instituições integrais na Paraíba, que em um turno funciona aula normal de conteúdo e no outro funciona alguma formação técnica. [...] Eu acredito que o ensino integral deveria funcionar assim.

Pudemos constatar que o professor pareceu entender a palavra “integral” em relação ao ensino em tempo integral, possuindo um olhar voltado à dimensão mental, com o objetivo de encaminhar o aluno para o mercado de trabalho, tendo em vista uma formação técnica. No entanto, é válido ressaltar que não temos dados suficientes para



afirmar que sua resposta esteja associada a uma visão reducionista, que, assim como Röhr, rechaçamos, visto que nossa pergunta poderia ter sido mais clara quanto ao que estávamos nos referindo.

Apesar dessa nossa autocrítica, não podemos desconsiderar que as Escolas de Referência em Ensino Médio (EREMs) foram criadas pela Lei n.º 125, de 10 de julho de 2008 (PERNAMBUCO, 2008) e fazem parte de uma política pública voltada para o ensino propedêutico, ou seja, com foco na formação geral dos indivíduos. Essa formação não está voltada apenas para a construção dos conhecimentos cognitivos, mas fundamenta-se na transformação dos alunos em sua inteireza, composta pelas cinco Dimensões básicas – *Física, Sensorial, Emocional, Mental e Espiritual* – e tudo que transpassa por elas. Ou seja, a nossa análise é inconclusa, mas não seria de um todo descabido considerar certo reducionismo na resposta do professor.

Partindo da resposta anterior e considerando que o integral das escolas não pode ser limitado apenas ao tempo presente na instituição, questionamos o que o professor entendia por multidimensionalidade. Apesar de ele afirmar que não conhecia esse conceito, e de, na questão anterior, ter considerado “integral” apenas ligado ao tempo de permanência, voltado à construção cognitiva, durante o período de observação em sala de aula percebemos o seu compromisso com as demais dimensões de seus alunos.

Podemos citar uma dada situação em que a *Dimensão Física*, por exemplo, quando houve uma intervenção voltada à manutenção da saúde. Ou seja, antes da realização de uma prova importante houve uma conversa motivadora entre ele e seus alunos quando mencionou a importância de que tivessem uma boa alimentação, indicando os alimentos que ativavam a memória. Percebemos que mesmo sem ele entender o conceito de multidimensionalidade, reconheceu a interferência da *Dimensão Física* na *Dimensão Mental* de seus alunos. Posteriormente, no recorte 2, apresentaremos também o compromisso deste professor com a *Dimensão Espiritual* de seus alunos, assim como no recorte 3, com a *Dimensão Emocional*.

Perguntamos, a seguir, se ele teve alguma capacitação voltada formação humana e o que ele entendia sobre a importância de abordá-la (Recorte 2):

Recorte 2: Já participei de capacitações e dentro de uma das especializações a gente vê muito. [...] A formação humana não passa só pela escola. Porque muitos alunos aqui veem o professor como um pai e uma mãe. [...] Muitos veem como uma fuga de casa, então a gente tenta aqui não só formar um estudante, a gente busca também formar a



peessoa. [...] Ele já tem que sair sabendo o que ele quer e já tem que saber o que é certo e errado, como tratar as pessoas, como se dar numa vida nova que, quando acabar o Ensino médio, ele vai estar. Ele vai estar numa situação nova para ele e está começando “do zero” e queremos que todos estejam começando uma vida nova “do zero” dentro de uma faculdade, de uma universidade. [...] A gente trabalha essa situação, essa formação, [...] para que quando ele estiver na faculdade ele saiba caminhar por si próprio.

Uma abordagem educacional multidimensional, que busca a integralidade, como já dissemos, visa desenvolver o aluno para além do aprender a conhecer e do aprender a fazer, mas também a aprender a conviver e aprender a ser. Observamos, tanto em sua resposta como nas observações das aulas que, ainda que o professor, por vezes, limite-se à dimensão mental, o foco principal na maioria dos momentos estava centrado nos alunos, uma vez que parecia reconhecer as complexidades existentes, ou seja, as multidimensões.

Quando ele respondeu sobre saber distinguir o certo do errado e a maneira de tratar as pessoas, notamos a presença da *Dimensão Espiritual*, pois se trata exatamente do comprometimento com os valores morais e éticos do indivíduo. Essa postura pode ser ilustrada em uma de nossas observações, quando ele recolheu um lixo que estava jogado no meio da sala, durante a sua aula.

Além disso, podemos associar o comentário sobre “caminhar sozinho” à abordagem de Röhr (2013), que discute acerca do papel do educador instigar no educando a busca pelo sentido de sua vida, uma vez que essa caminhada implica em um compromisso individual deste com sua multidimensionalidade. Faz-se necessário ao professor, portanto, encarar a *Dimensão Espiritual* em sua atuação profissional como uma norteadora de sua prática pedagógica, visto que ela transcende o ser no que ele tem de mais humano.

Na perspectiva do enfoque multidimensional, como norteador da tarefa educacional, destacamos a relevância da dimensão emocional, pois assim como a espiritual, muitas vezes acaba sendo negligenciada nas reflexões pedagógicas. Levando este aspecto em consideração, o professor foi questionado sobre se ele acreditava que as emoções influenciavam no ambiente acadêmico já que, muitas vezes, passavam mais tempo na escola do que na própria casa (Recorte 3):



Recorte 3: *É, esse problema de emoção, [...] dos dois lados, é bastante complicado, até pelo fato de que chega num determinado momento que tanto o professor, como o aluno está saturado de passar necessariamente nove horas dentro de uma instituição. Então, se a escola não tiver ferramentas e o professor não for capacitado, isso se torna muito chato. E chega num determinado momento que você não vai dar aula. O aluno do ensino integral merece mais do que um conteúdo.*

Goleman (2011) aponta que somos, muitas vezes, movidos mais pelo coração (emocional) do que pela razão (mental) e tece uma crítica de que o aparelho social tem tentado impor normas para conter as emoções que emergem dentro de cada um de nós. No entanto, felizmente, o professor demonstrou a preocupação acerca do aluno merecer mais do que apenas conteúdo, considerando o quanto as emoções pesam, sobretudo em um ambiente no qual ambos convivem em horário integral. Vale ressaltar, contudo, que, não somente o aluno do ensino em tempo integral, mas todos os educandos, indistintamente, precisam ser vistos, pelos professores, através de uma perspectiva multidimensional.

Ressaltamos, ainda, outra situação em que o professor buscou acalmar os alunos na hora de uma prova, passando confiança para eles e demonstrando seu compromisso com a *Dimensão Emocional* daqueles.

Quando nos reportamos a alunos e alunas adolescentes, a emoção expressa ganha uma complexidade ainda maior! Como sabemos, toda emoção carrega uma propensão a agir de imediato e isso ocorre ainda mais forte na sala de aula com adolescentes, visto que nesse estágio tudo é potencializado pelas novas demandas da vida. Isso acaba exigindo do educador posturas imediatas, portanto, percebemos a relevância dessa dimensão, que não pode jamais ser deixada de lado, uma vez que pode aproximar ou afastar o aluno do ambiente acadêmico.

Considerando esta realidade, em alguns momentos observamos certa sensibilidade do professor ao perguntar aos alunos como estavam se sentindo. Já em outros momentos, quando os alunos vivenciaram brigas e discussões entre si, ele não interviu tanto, o que nos causou certo estranhamento.

A seguir, questionamos sobre como lidava com alunos que expunham problemas pessoais (Recorte 4):

Recorte 4: *Essa situação acontece muito comigo, até pelo fato de eu ser um professor novo [...], essa questão de ser um professor amigo. [...] Então, quando o aluno chega e expõe um problema comigo, eu saio dessa questão do professor e levo para a questão humana. [...] se ele está tratando um problema é porque ele confia. [...] Então a gente*



tenta orientar da melhor maneira. Até pela faixa etária que os meninos têm dentro do ensino integral, eles estão se descobrindo e, às vezes, eles têm muita vergonha de, dependendo do assunto, tratar com o pai e a mãe, e “correm” para o professor, buscando um “ombro amigo”, um apoio, uma palavra [...].

Nessa resposta foi possível constatar a importância da confiança na relação aluno e professor. Bollnow (1971) ressalta a importância deste tema na relação pedagógica. Além do educando depositar sua confiança no educador, também é fundamental que o professor deposite confiança em seu aluno, pois apenas confiando nele será possível potencializar o seu desenvolvimento.

Podemos verificar, também nessa resposta, a postura humana do educador, visto que ele estará em constante confronto com situações complexas que irão exigir que seja, além de homem, humano. Entendemos ser essencial que o professor busque compreender o aluno, mesmo sem entender tudo o que está se passando com ele, mas nutrindo-se de disposição, empatia e sensibilidade, fundamentais ao reconhecimento do quão múltiplo somos. Só deste modo será possível propiciar ao aluno uma atmosfera acolhedora que o ajude a reconhecer seus limites e dimensões, crescendo em sua inteireza, na busca de uma realização não apenas acadêmica, mas também existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consideramos, os processos educacionais perpassam todas as dimensões do ser, sendo necessário que o docente adote uma postura humana, na tentativa de harmonizar e atender as necessidades singulares de cada dimensão de seus alunos e, porque não, também as suas? É válido ressaltar, contudo, que nenhuma dimensão deve ser priorizada em detrimento das demais, evitando-se a adoção de uma visão reducionista.

Conforme o professor observado afirmou, é responsabilidade da escola, preparar o aluno para a vida e, como sabemos, as demandas da vida vão além do intelecto, do cognitivo que, por si só, não atende as exigências da complexidade do humano, nem garante o sucesso em todas as instâncias.

Os dados registrados por nós, advindos das observações das aulas do professor e da análise de suas respostas, resultaram, como não poderia deixar de ser, de interpretações subjetivas, mas há indícios importantes de, nas situações observadas, haver um compromisso, por parte do professor, com a multidimensionalidade de seus



alunos. Apenas não registramos, de modo mais significativo uma relação com a *Dimensão Sensorial* dos alunos, mas isto não invalida as demais relações constatadas por nós, uma vez que, como foi colocado em um dos recortes, o professor se mostrou preocupado, afirmando que o aluno merece para além do conteúdo cognitivo.

Tendo em vista tudo o que foi apresentado, concluímos que é fundamental que essas discussões se façam presentes no meio acadêmico, a fim de pôr em evidência o quão múltiplo somos. Acreditamos que o professor necessita reconhecer as múltiplas dimensões que compõem o humano, tanto em si mesmo quanto nos alunos, promovendo um ambiente pedagógico permeado de acolhimento e de confiança.

Neste sentido, a meta educacional será finalmente cumprida quando o professor instigar os seus alunos em busca de uma realização plena, não apenas acadêmico e profissional, mas também pessoal. Apesar de entendermos que não se trata de uma tarefa fácil, visto que somos constantemente inclinados a desistir da busca e de nos satisfazermos na mera imanência, acreditamos não ser impossível para quem se compromete com o desenvolvimento do ser, em sua inteireza.

REFERÊNCIAS

BOLLNOW, O. F. **Pedagogia e filosofia da existência**. Um ensaio sobre formas instáveis da educação. Tradução de Hermógenes Harada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

DELORS, J. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI: **Educação**: Um tesouro a descobrir. Lisboa: Asa, 1998.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A Teoria Revolucionária que redefine o que é Ser Inteligente. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

ISKANDAR, J. I.; LEAL, M. R. Sobre positivismo e educação. Curitiba: **Revista Diálogo Educacional**, 2002.

PERNAMBUCO. Lei Complementar 125, de 10 de julho de 2008. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco – Poder Executivo**, Pernambuco, PE, 11 jul. 2008. p. 3.

RÖHR, F. **Educação e espiritualidade**: Contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação / Ferdinand Röhr – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.